

# O Potiguar

Ano VIII N° 42

Março/Abril 2005

Distribuição Gratuita



**Miguel Cirilo**  
**O domador do caos**



## O clarão e a sombra

Zuza desasna beócios e os lorpas instigantes são castigados por um decurião de maus bofes, caso promovam azáfama e balbúrdia nas salas de aula.

Gothardo Neto, filho do professor, instrui-se no castiço vernáculo, onde a pureza e a forma lingüística são a busca maior da perfeição poética. O soneto em alexandrinos o atrai. As belas morenas o inspiram. Um amor proibido o consome. Sorumbático, sai à noite, com seu sari indiano, entre as veredas dos aningais que ladeiam o Tissuru, e para além da Cruz da Bica descamba para a Salgadeira, lugar de tugúrios, mansardas, botecos pobres, onde entre tragos, sacia sua desdita. É também Zé Fidélis, o poeta das sombras.

Viram-no para os lados da nossa última tatajubeira – divisa entre Ribeira e Rocas – de fraque azul desbotado, botas rotas, chapéu fora de

moda, chapinhando em poças de lama, uma corda de caranguejos entre os dedos. É Ferreira Itajubá, Azinho. Vem dos pastoris, das lapinhas, dos fandangos. E seu violão é coberto com folha-de-flandres. Feito de luz, o poeta é a festa maior da cidade. São suas as alvadias dunas. São seus os cajueiros e javaris solitários.

Nessa noite Azinho está insone e com sede. Quem sabe, nas barracas da feira do Salgado-futura estação ferroviária - não haverá um caritó aceso e um bom copo de aguardente?

-Não tenho nenhuma bebida - disse o bodegueiro.

-Bote água na garrafa, fica o gosto - redargüiu Itajubá.

-Não dá mais poeta; Gothardo Neto passou aqui e já bebeu a lavagem...



Aroldo Martins

### EXPEDIENTE

- Diretor - João Gothardo D. Emerenciano	- Programação Visual - J. M. Vieira
- Editor - Moura Neto	- Capa - Vieira
- Revisão - João Gothardo D. Emerenciano Giuliano Emerenciano Ginani	- Gerente Comercial - Carlos Frederico Câmara
	- Impressão - Gráfica Nordeste

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.

O Deputado **Nelson Freire** Parabeniza todas as Mães do Rio Grande do Norte pelo seu dia. O Gesto de carinho e afeto unem a família potiguar.

**Nelson Freire**  
Deputado Estadual  
**e Família**

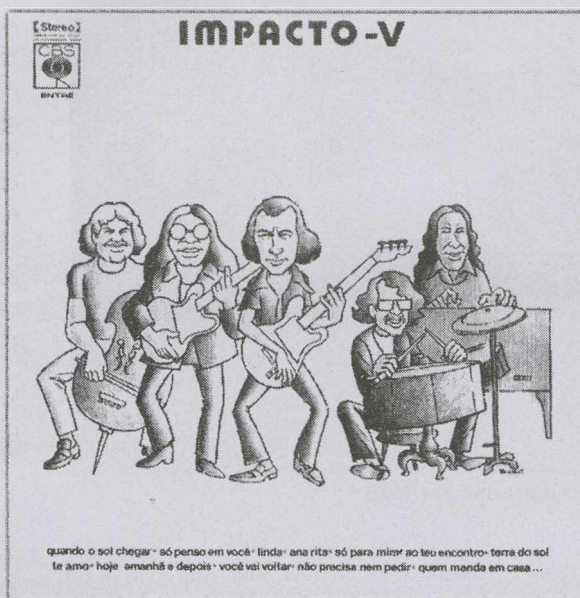




## Parece que foi ontem...

**H**á algum tempo atrás, comprei num sebo, por um real, um LP com os maiores sucessos de James Taylor. Num fim de semana, ao ouvir o disco, quando começou a tocar a faixa You've got a friend, viajei no tempo. No início dos anos sessenta, quando esta música alcançou sucesso internacional, no Brasil, os dias eram cinzentos, por causa da ditadura; mas, para mim, como para muitos jovens daquela época, em Natal, os dias eram dourados.

Naquela época, nos "assustados" (festinhas que os jovens realizavam nas residências), os casais dançavam de rosto colado (nas festas realizadas nos clubes, a luz negra permitia uns apertos mais demorados, de preferência no meio do salão). Dançar solto, só os sucessos de Fever's, Renato e Seus Blue Caps, ou os "hit's" internacionais de Creedence, Santana e outros. Aos domingos, os jovens da classe média iam para as matinês do ABC e da ASSEN, enquanto a galera de menor poder aquisitivo tinha duas opções: o Racing, nas Rocas, ou o Quintas Club. As adolescentes usavam calças compridas coladas ao corpo, e as que tinham entre 12 e 14



anos eram chamadas de "galeto" pelos rapazes mal intencionados. A mini-saia era privilégio de quem tivesse pais mais liberais (e pernas mais bonitas, é claro). Os rapazes "pra frente" usavam macacões Lee. Os mauricinhos (ainda não havia o termo; mas a figura sempre existiu), de relógio Oriente no pulso, espalhando odor de Lancaster por onde passavam, preferiam calça de Nycron e camisa de Tergal. Os conjuntos musicais mais famosos da época eram The Jetsons, Apaches (do qual eu era "crooner"), Impacto Cinco, Alerta Cinco e Os Terríveis.

O lema de então era: mulher é mulher, namorada é

namorada. Isto significava dizer que, na maioria dos casos, as moças tinham que casar... "moças". Logo, os rapazes podiam até "sarrar" com suas namoradas, mas *transavam* com outras. A "revolução sexual" não havia chegado ainda a Natal: não me lembro de haver motéis, mas existia, no bairro de Lagoa Seca, próximo ao Alecrim Clube, um local que era o paraíso dos amantes: o "recurso da Alice". Lá, por um preço

módico, os casais podiam viver momentos de amor realmente inesquecíveis: não havia música ambiente, ar-condicionado, nem banheiro. Mas havia um ventilador barulhento sobre a cama e, num canto da parede uma bacia com água, sabão de coco e toalha de rosto (que não era para enxugar o rosto)...

Pra uns, aqueles dias foram cinzentos; para outros foram dourados: eram vividos "sem lenço, sem documento" mas intensamente... Com certeza aquela geração era feliz. À sua maneira, mas era.

Fernando Luiz\*

\*Cantor e Compositor



# Colégio Marista de Natal

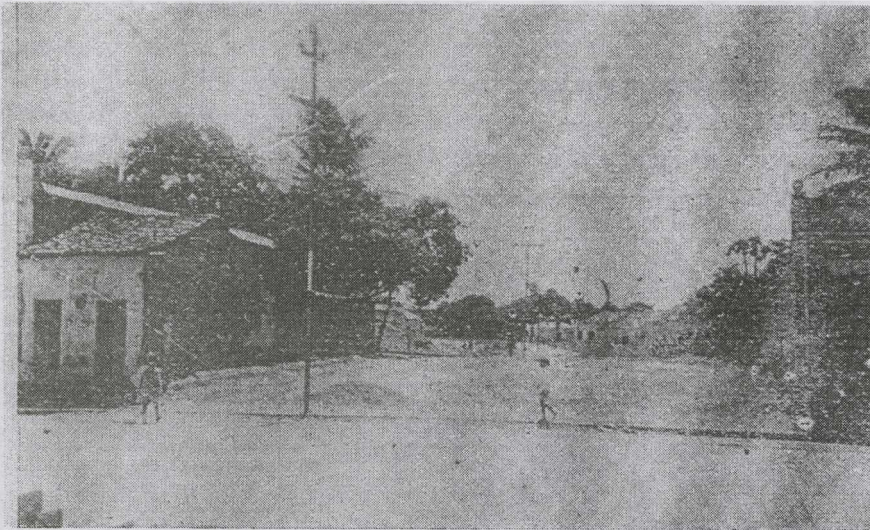
www.marista-natal.com.br  
Rua Apodi, 330 - Centro (84) 211-5005



Em qualquer parte do mundo temos orgulho de ser Marista.



## Presidentes das ruas numeradas do Alecrim



Prolongamento da rua Presidente Quaresma em 1935

O Alecrim, quarto bairro da cidade do Natal, têm como confinantes de sua área urbana os seguintes segmentos: Riacho do Baldo, Rua Olinto Meira, Rua Jaguarari, Av. Bernardo Vieira e a Via Férrea até encontrar o Riacho do Baldo, neste último trecho podemos ainda destacar a Rua Pereira Pinto e a Base Naval. Antes de se chamar Alecrim, esta área teve várias denominações. Primeiro foi *Refoles*, partindo do pressuposto básico de que os piratas e mercadores franceses vinham frequentemente extrair o pau-brasil e outros produtos, e sempre usaram o rio Potengi como ancoradouro para seus navios. O corsário *Jacques Riffault*, no Século XVI, atracou por inúmeras vezes em nosso rio, fazendo com que aquele local passasse a se chamar *no ponto da Nau do Refoles* ou apenas *Refoles*. Depois, no Século XIX, chamou-se *Alto de Santa Cruz*, topônimo batizado pelo Coronel Reinaldo Lourival, filho do reconhecido poeta Lourival Açucena, com a aprovação do vigário João Maria Cavalcanti de Brito (Padre João Maria); Na primeira década do século XX, o bairro foi denominado "*Cais do Sertão*", em razão dos imigrantes que vinham do interior e

acampavam naquela área; E finalmente, passou a se chamar Alecrim, através do Decreto da Intendência Municipal de Natal, datado de 23 de outubro de 1911 e oficializado em 30 de setembro de 1947, na administração do Prefeito Silvio Piza Pedroza.

Um bairro não é apenas uma área delimitada por um decreto ou um conglomerado de antigas casas e ruas que labirintam seus acessos. O bairro antes de tudo, tem a missão de contar a história do crescimento da cidade e do próprio lugar. Entretanto, os topônimos de suas ruas provocam, as vezes, indagações relacionadas aos seu significado ou aos nomes das personagens ali homenageadas. Mesmo acreditando na frase de Gene Flower de que "*Os homens que merecem monumentos não precisam deles*", o Alecrim, quando eternizou em suas artérias, notáveis que transitaram na política administrativa do Rio Grande do Norte, nos remiu de séculos de história potiguar.

Quando o Presidente da Intendência Municipal (Prefeito de Natal), Dr. Omar O'Grady, contratou o arquiteto Giacomo Palumbo, para fazer o *Plano Geral de Sistematização da Cidade de Natal*, solicitou, ao mesmo tempo, ao Instituto

Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a época presidido pelo Dr. Nestor dos Santos Lima, que relacionasse vultos históricos para nomear as avenidas já traçadas e numeradas de 1 a 18. Dentre as figuras arroladas, estavam incluídos, levando em conta a liturgia do cargo, cinco Presidentes da Província do Rio Grande do Norte, como eram denominados os Governadores do nosso Estado no período colonial e durante o império. Portanto as avenidas de 1 a 5, confinadas nos limites do bairro do Alecrim, passaram a ter as seguintes denominações:

Avenida 1, *Presidente Quaresma*, em homenagem a Basílio Quaresma Torrão, que Governou de 1833 a 1836; Avenida 2, *Presidente Bandeira*, em homenagem a João Capistrano Bandeira de Melo, que Governou de 1873 a 1875; Avenida 3, *Presidente José Bento* em homenagem a José Bento da Cunha Figueiredo Junior, que Governou de 1860 a 1861; Avenida 4, *Presidente Sarmento*, em homenagem a Cassimiro José de Moraes Sarmento, que Governou de 1845 a 1847; E a Avenida 5, *Presidente Leão Veloso*, em homenagem a Pedro Leão Veloso, que Governou de 1861 a 1863.

As demais avenidas e ruas numeradas receberam o nome de tribos indígenas ou de outras pessoas ilustres, entretanto, sem negar a importância de cada denominação, os topônimos das outras ruas numeradas ficam aqui ocultados, porque buscamos registrar apenas as artérias que tiveram denominações de Presidente da província na época colonial e do império. Esperamos, deste modo, responder as indagações de uma considerável parcela da população natalense, que curiosamente se interroga com relação às avenidas numeradas, de 1 a 5, do bairro do Alecrim: Presidente de que?

Manoel Procópio de Moura Júnior



Ensino que amplia horizontes.

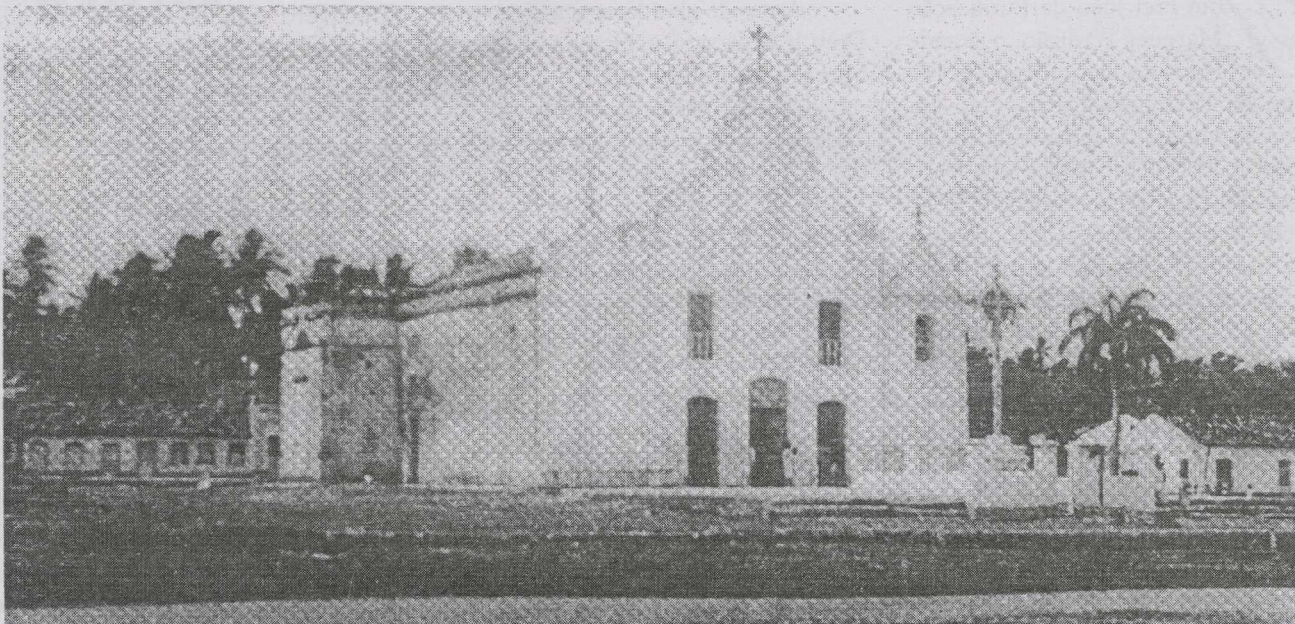
**VEM AÍ!!!**  
**TURMAS DE MAIO.**

Informações:

**211.6607**



## A capela barroca de Touros



No ano de 1934 a igreja de Touros era vista em todo o seu bucolismo e singeleza realçando a amena paisagem da vila

**E**m fins do século XVIII, sendo Touros simples povoação, pescadores em demanda do mar avistam uma arca boiando no rio Maceió. Com espanto testemunham que dentro da arca há uma imagem. Convictos de a descoberta era um milagre, põem a imagem em seus ombros e a levam com eles para a rua. Vista e adorada por todos os habitantes do lugar, a imagem logo foi considerada milagrosa. A notícia se espalha e em poucos dias a povoação regurgita de curiosos e fiéis. Onde abrigar a imagem, se a povoação não dispunha sequer de uma capela? Comovidos com o achado e

cheios de fé, Manuel Dias de Assumpção e sua mulher Joanna Tavares da Costa, concessionários da Sesmaria da Lagoa do Mato, resolvem resolver o problema. Em 15 de fevereiro de 1798 "fazem doação e dão de esmola ao Senhor Bom Jesus dos Navegantes uma porção de terra na barra do rio dos Touros para patrimônio de uma Capela que no mesmo lugar se pretende edificar".

A obra é concluída em 1800, sendo nela entronizada a imagem a que passaram a chamar de Bom Jesus dos Navegantes. Conquanto houvesse a capela não havia a paróquia. O povo se mobiliza e

o Juiz de Paz Joaquim Xavier Vellozo propões ao Clero e ao Conselho de Governo a freguesia, que vem com a Lei Geral de 05 de setembro de 1832, elevando a Capela à condição de Igreja.

Monumento barroco de sóbria beleza, a Igreja de Touros passou por modificações e melhorias. A tradição atribui a Frei Serafim de Catana e a seu assistente, Frei Herculano, significativos aspectos arquitetônicos da obra que foi edificada a partir de matérias primas existentes na região, tais como madeira, cal, areia, pedra e barro.

*Nilson Patriota*



# SALESIANO

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530  
Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-35



## Dom Frei João da Purificação Marques Perdigão

Dom Frei João da Purificação Marques Perdigão, o grande Prelado de Olinda e 18º Bispo de Pernambuco, nascido em Viana do Minho, do reino de Portugal, a 04.03.1779, foi nomeado pelo Imperador Dom Pedro I, a 18.10.1829. Em 1830, no dia 04 de agosto, chegou a Pernambuco, assumindo o governo da Diocese, como Vigário Capitular, até a sua sagração episcopal. Confirmado pelo Papa Leão XII, a 28.02.1831, foi sagrado no dia 26.05.1833, na Capela de Manoel Dias de Lima, no Rio de Janeiro. Voltando a Recife, no dia 14 de setembro, tomou posse da Diocese, como legítimo Prelado, no dia 29 do mesmo mês, vindo a falecer, em Pernambuco, no dia 30.04.1864, sendo sepultado na Catedral de Olinda.

Além de grande organista, latinista, pertenceu ao Conselho do Imperador, dignitário da Ordem da Rosa, Comendador da Ordem de Cristo, Oficial da Ordem do Cruzeiro e Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, de Portugal. Como Bispo de Olinda, escreveu a "Pastoral" aos reverendos párocos e sacerdotes da Diocese, exortando-os ao cumprimento dos deveres, em 1844; a "Exortação" ao clero do Bispado, realizada no Consistório da Igreja de São Pedro da Cidade do Recife, no dia 20.08.1848; e "Itinerários das visitas feitas na sua diocese, pelo Bispo de Pernambuco, nos anos de 1833 a 1840", referentes às cinco visitas pastorais realizadas em toda a sua Diocese, no período compreendido entre 18.12.1833 e 08.01.1840, publicados na Revista do IHGB, n.º LV, de 1892.

Antes de abordarmos a visita que Dom João fez ao Rio Grande do Norte, apresentamos um quadro geral das cinco visitas pastorais constantes no "Itinerários" e realizadas em toda a diocese: a primeira principia quando o Bispo, no dia 18.12.1833, saiu do "Palácio da Soledade", em Olinda, alcançou "Iguarassú às 9 e meia da mesma manhã", e terminou no dia 15.02.1834,

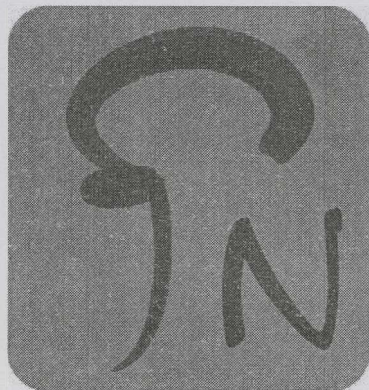


quando, regressando, chegou ao "Soledade" e assinou o Itinerário como "J. B. Diocesano", na segunda Visita, datada de 1834, afirma que saiu "da Soledade no dia 29 de Setembro pelas 4 e 1/2 horas da manhã" concluindo-a no dia 24 de novembro, quando saiu desta "freguesia [São Lourenço] pelas 3 horas da tarde, e passando por Caxangá e Poço da Panela cheguei ao palácio da Soledade pelas 6 e meia da mesma tarde", a terceira visita, em 1834, tem início no dia 11 de

Dezembro, quando saiu da "Soledade pelas 5 horas da manhã" e teve sua conclusão no dia 19.01.1836, quando "acompanhado de alguns cavaleiros, saí deste engenho [Garapú] pelas 6 horas da manhã, e visitando o Marquês de Recife, cheguei à Boa Viagem pelas 11 da mesma manhã, acompanhando-me os dois filhos do Marquês e o coronel Lamenha até à ponte dos Carvalhos. Jantando na Boa Viagem, saí deste lugar pelas 4 da tarde, e me dirigi para o palácio da Soledade, onde cheguei pelas 6 da mesma tarde", a quarta visita se inicia no dia 19.10.1836. Afirma Dom Perdigão que saiu da "Soledade pelas 5 horas da manhã, e fui almoçar e jantar no Engenho Velho, em Jaboatão", terminando-a no dia 1º.02.1837, e a quinta e última visita se inicia a 1º.05.1839, quando Dom Perdigão, saindo da "Soledade pelas 4 horas", atravessou as províncias de Pernambuco e da Paraíba, cruzando a divisa entre as províncias da Paraíba com a do Ceará e desta para a Província do Rio Grande do Norte, aqui permanecendo de 4 de outubro até o dia 17 do mês de dezembro de 1839.

Esta é a única visita de Dom João que interessa à história da Igreja do Rio Grande do Norte. Antes de descrever a sua Visita Pastoral pelas terras do Rio Grande do Norte, afirma Dom Perdigão: "Saí do Olho d'Água pelas 6 horas da manhã, e passei a calma debaixo de uma árvore, junto da Lagoa Grande, donde saí pelas 4, pernoitando debaixo das árvores da mata queimada. Pelas 5 e meia passei a divisão da província do Ceará para a do Rio Grande."

Francisco Fernandes Marinho



Rua Marcílio Furtado, 2042 - Lagoa Nova - CEP 59063-360 - Natal / RN  
Fone: (84) 206-5181 - E-mail: marcoslima@digi.com.br

# Neuromed

Clínica de Neurologia de Natal





## Tsunamis natalenses

Nirvana! nirvana! ó, nirvana!  
alcançaremos aqui a tua paz  
transcendental e eterna,  
aspirando que as "tsunamis natalenses" sejam  
sempre  
límpidas, calmas e fraternas?

Cálido paraíso do Atlântico Sul...  
iluminado por um nome abençoado  
deslumbrando o nascimento de Jesus!  
alentarás o teu povo devotado  
da tua fé N'Aquele que foi crucificado  
ensinando-nos amor ao próximo para morrer na  
Cruz!

Plêiade do litoral nordestino...  
recanto dadivoso e aconchegante!  
esplendoroso como o sono do Jesus Menino!  
saudável é teu clima com praias exuberantes!  
és um onomato galactopoesse feminino  
perpetuado num frenesi alucinante!  
idílio da inspiração do Ser Divino  
onde as ondas do porto não quebram  
devastantes!

*José Marcial Dantas*

## O mito

*a Federico Fellini*

há no cume da noite, inacabado,  
um cão quem já não o viu, descomunal,  
ancorado no tempo? assediado,  
desdobrar-se, de pronto em luz e cal?

ó colosso da noite! em vão, quem sonha,  
habitante de coisas negro-mortas,  
move-se à luz dessa nudez medonha:  
o sono já fechou todas as portas.

madrugada, a cidade se desgarrar  
e se evade para onde é - quase a fera.  
agita-se. debalde há algazarra.  
solidão. o-que-morre, em vão espera

a presença do vivo. a besta manda  
que s abram porções de abismos breves  
aos corpos olvidados. a ciranda  
afinal se inicia: passos leves.


o falo se derrama sobre o mundo.  
mas se perde na busca. ó frustração  
dos deuses acabados! infecundo,  
não alcança onde há vida. foge em vão.

*Miguel Cirilo*

## Navegando

Navegantino, navegador  
navega o barco  
bizantino do destino

*Carlos Astral*



**A.S. LIVROS**

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05  
Lagoa Nova - Natal/RN - Fone:206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6  
Natal/RN - Fone:206-9099



**Offset**  
GRÁFICA

Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira  
59012-370 - Natal - RN  
Fone: (84) 211-7664



## Antes que seja tarde

**E**ncontro João Gothardo Emerenciano, esse amigo das letras, fundador deste hebdomadário, editor dos primeiros artigos sobre o movimento hippie em Natal e que teve o poeta favorito de Mestre Cascudo, Gothardo Neto, como tio-avô. Conversamos, como de praxe, sobre vários assuntos. Pergunta-me o diretor de O Potiguar se conheci Miguel Cirilo dos Santos Filho. Sim, respondo emocionado. Conheci-o pessoalmente por mais de 30 anos. Sua "morte anunciada" abalou-me sobremaneira haja vista ser uma espécie de *alter ego* meu e a quem eu admirava com a alma e o coração.

De imediato combinamos que eu escreveria alguma coisa sobre ele após eu comentar que Miguel figurava no meu livro O Movimento Hippie em Natal - desdobramento natural dos artigos publicados aqui - a serem editados, agora no formato de livro, pela Fundação José Augusto, em maio próximo, segundo compromisso assumido com Maurício 'Baíto' Gomes, gerente da Gráfica Manibu. O livro, que é um ensaio, terá "orelhas" do artista multimídia J. Medeiros, prefácio do professor Bianor Paulino e apresentação do escritor François Silvestre. Mais de quarenta fotos de hippies potiguares e de outras plagas que passaram por Natal e dos que adotaram a cidade (ou a cidade os adotou), ilustram o livro.

Pois a tarefa a qual me incubiu Gothardo Emerenciano configurou-se das mais fáceis. Bastou criar esta introdução e copiar o trecho do livro referente a Miguel.

O texto aqui reproduzido é parte do ensaio e está escrito a quase três anos. Fiz questão de pô-lo à apreciação de Miguel que não alterou sequer uma vírgula. Comentou que não merecia metade do que eu escrevera ali, anunciou-me sua morte para breve, meteu a

mão no bolso e ofertou-me cinquenta reais, pois havia decidido, todos os meses, distribuir seu salário ficando apenas com o necessário para as despesas pessoais.

Vejamos, pois, na íntegra, esse trecho do livro à página 124:

*"O poeta e pensador Miguel Cirilo, o qual com regular frequência nos brindava com sua presença no calçadão da rua João Pessoa, me foi apresentado por Carlos Gurgel (ele o*



*chamava de "Guel") no ano de 1973 e foi uma espécie de guru - título o qual ele jamais aceitou - da nossa geração naquela fase. Era o cara que explicava "didaticamente" o que estava acontecendo em termos de fenômeno comportamental com a rapaziada.*

*Assemelhava-se comparativamente, para mim, ao papel vivido no filme Sem Destino (Easy Rider) pelo ator Jack Nicholson, descontando-se o lado 'biriteiro' da personagem. É da geração de Luís Carlos Guimarães e Berilo Wanderlei. Amigo desde a juventude do pai de Carlos e Fernando Gurgel, o Poeta Deífilo.*

*Miguel era (é) uma figura muito bela; um ser humano íntegro, místico; espécie de asceta, um pensador integral e um intelectual legítimo. No sentido*

*de viajar (navegar é preciso) pegou a estrada também. Pediu transferência do seu cargo em uma repartição federal e foi morar em Salvador, onde viveu por mais de vinte anos. Gostava de estar sozinho nos parques, contemplando a natureza e pensando, pensando, pensando...*

*Em 1976 visitei-o em seu apartamento no hotel Margarida na Avenida Sete de Setembro no centro de Salvador onde ele morou vários anos.*

*Ainda tivemos mais dois encontros por lá. O primeiro às margens da Lagoa do Abaeté, por puro acaso, e outro no restaurante natural Panela de Barro na Ladeira do Pelourinho. Lembro bem da ocasião em que o estava visitando no Hotel Margarida e era pleno carnaval - esse acontecimento ficou gravado em minha memória lírico/afetiva para sempre.*

*Conversávamos no salão de visitas do hotel - ele sentado em um sofá em posição de lótu e eu deitado no assoalho - sobre assuntos diversos. Só que estes "assuntos diversos" aos quais me refiro, não eram assuntos ordinários. Miguel jamais fala de assuntos comuns. Por exemplo, você jamais o verá falar sobre política, ou religião... muito menos sobre o custo de vida; em suma, você jamais o verá falar a não ser da sua própria viagem,*

*que é a viagem do encontro com o seu próprio ser. Miguel Cirilo é muito mais que um filósofo - é a metafísica em pessoa. Um papo com Miguel é sempre um momento mágico.*

*Naquela época eu entendia apenas trinta por cento - calculo - do que ele falava, mas nunca me aborrecia, porque, aqui e acolá, eu captava sempre um pensamento, uma teoria, uma explanação lógica, sublimada pela perspectiva da percepção racional (e inconsciente) e intelectual da existência coletiva; do que estava ocorrendo no mundo e em nós mesmos enquanto Ripes\*; no ser individual ou sobre suas próprias elucubrações mentais que me agradavam muito.*

*Ainda hoje é assim, pois Miguel para mim é acima de tudo e entre outras coisas, didático.*

*Pois bem, conversávamos. Eu,*

\* Termo aportuguesado do vocábulo inglês Hippies, usado no Ensaio.



mais ouvindo, enquanto passava na avenida, sob a sacada do hotel, a atração maior daquela noite: o grupo musical mais badalado do momento; o 'trio' elétrico mais empolgante daquele carnaval.

Descendo a ladeira (Avenida Sete de Setembro), a praça Castro Alves se esparramando lá abaixo, nada mais nada menos do que os Novos Baianos, com uma música telúrica contagiante. Eu então fiquei, de um súbito, entre dois mundos completamente destoa-antes. Ora corria para a sacada do hotel que dava para a avenida, já tomada àquela altura pelos hóspedes, convidados e agregados... Ora retornava à sala onde estava Miguel. E ele, imperturbável. Nem aí.

Todos na expectativa, ansiosos pela passagem de Morais Moreira, Pepeu Gomes, Galvão (o baiano - não o potiguar Galvão), Paulinho Boca de Cantor e Baby Consuelo.

Enquanto os corações e a cidade inteira "pegavam fogo", havia uma pessoa, no burburinho da festa, que não estava ansioso, nem excitado, nem emocionado; permanecendo em si mesmo, guardado em seu atma, em seu mundo (in) pessoal, uno. Então eu, meio sem jeito... como a lamentar Miguel em seu recolhimento, em não se interessar em divertir-se; em não gostar das coisas comuns... Eu assim pensava e chegava até a sentir um pouco de dó pelo seu isolamento. Achava que o que ele sentia poderia agravar-se; vir a tornar-se uma pessoa esquisita, esquizofrênica até. Mas, aí... Deu aquele estalo na minha mente: eu havia lido Herman Hesse naquela época, e, de súbito, como uma iluminação (saía a ave do ovo?) olhei para Miguel e vi em seu lugar Harry Haller, de O Lobo da Estepe e este ia se transformando.

Então ouvi claramente sua voz como saindo de uma câmara radiofônica com som surround e tudo, a falar:

"... Ah, é difícil achar esse trilha de Deus em meio à vida que levamos, na embrutecida monotonia de uma era de cegueira espiritual, com sua alienação, seus negócios, sua política e seus homens! Como não haveria de ser eu um Lobo da Estepe e um mísero eremita em meio de um mundo de cujos objetivos não compartilho, cuja alegria não me diz respeito! Não consigo ficar muito tempo em um teatro ou num cinema. Mal posso ler um

jornal. Raramente leio um livro moderno. Não sei que prazeres e alegrias levam as pessoas às ruas e hotéis superlotados, às boates abarrotadas com sua música sufocante e vulgar, aos bares e espetáculos de variedades, às Feiras Mundiais, aos Corsos. Não entendo nem compartilho essas alegrias, embora estejam ao meu alcance, pelas quais milhares de outros tanto anseiam. Por outro lado, o que se passa comigo nos meus raros momentos de júbilo, aquilo que para mim é felicidade e vida e êxtase e exaltação, procura-o o mundo em geral nas obras de ficção; na vida real lhe parece absurdo. E, de fato, se o mundo tem razão. Se essa música dos cafés, essas diversões em massa e esses tipos aculturados que se satisfazem com tão pouco, têm razão, então estou errado, estou louco. Sou, na verdade, o Lobo da Estepe, como me digo tantas vezes - aquele animal extraviado que não encontra abrigo nem alegria nem alimento num mundo que lhe é estranho e incompreensível".

Assim falava Haller através de Miguel e eu ia compreendendo de forma clara e precisa, sua viagem. Olhei para ele com mais firmeza e convicção, com certo encantamento até, e vi como se Miguel fosse se tornando mais alegre. E, à medida que ia se tornando mais alegre, eu sentia que ele ia rejuvenescendo.

Agora era Sidarta, um jovem brâmane ansioso por navegar, por descobrir o mundo para depois viajar em si mesmo.

Por fim... era o mesmo rosto (o que eu havia concebido na imaginação) a mesma aparência física... vi-o, então, finalmente, como Emil Sinclair, de Demian, e todo o rosto de Miguel refulgia com um brilho intenso dos seus olhos negros, profundos como as águas da Lagoa do Abaeté. Daí, nem a música eu escutava mais, absorto que estava com aquela revelação: ele era feliz assim - embora não o demonstrasse do modo como o faz as pessoas comuns - em seu mundo pessoal mágico, maravilhoso, messiânico, de apaixonada convicção.

Então compreendi sua viagem. Ele ia encontrar um dia o que buscava. Eu tinha certeza agora.

De repente uma nota aguda, lancinante, da guitarra de Pepeu Gomes encheu de magia a noite festiva e os meus ouvidos, contudo, trazendo-me de novo à realidade. Miguel estava

normal e o seu semblante irradiava tremenda paz com os olhos contemplativos, mas febris, a lembrar agora os de Don Juan Matus, descritos por Castañeda.

Eu já havia prestado atenção aos olhos de Miguel, pois eram (são) olhos diferentes, e até porque eu jamais o vira sem os óculos Ray Ban muito escuros que ele usou por alguns anos, dia e noite, desde que eu o conhecera ainda em Natal.

A partir daquele momento, me dei conta de que havia mundos paralelos. Eu aprendera, com a posição de Miguel, um pouco, a enxergar a existência sob outra perspectiva. Ou seja, como se eu estivesse a mirar o mundo do alto de uma montanha.

Então fiquei, pois, também, indiferente ao momento, ao que estava ocorrendo no mundo dinâmico, no universo da Energia (e na Energia do universo). Entendem? (. . .) Nem eu.

Naturalmente, tentei mesclar os dois sentimentos dentro de mim, descobrindo duas energias que eu pretendia transformar numa só. Foi o primeiro passo para compreender Zen, concretamente.

Então, enquanto a música zunia, enlouquecendo as pessoas, eu e Miguel (o Hippie e seu Guru), completamente indiferentes ao burburinho, envolvidos que ficamos. Miguel, com a sua própria viagem; eu, com as nuances daquela viagem - com Miguel moendo pensamentos, elaborando equações metafísicas, filtrando palavras consoantes com sua própria viagem... - e a sua viagem passava a ser a minha própria. Nenhuma atenção prestamos para aquele momento do carnaval mais interativo e inovador do Brasil, naqueles idos...

"Logicamente que eu - após me despedir de Miguel - enlevado, ganhei a rua - viajando na vibração deliciosa - na energia frenética - na música arrebatadora - na morena formosa - naquela noite feérica sob a lua - em uma época encantadora". (In Canção Adjetivada N.1)

Miguel Cirilo - que jamais quis ser chamado de poeta - regressou à Natal em 1997 e lançou o seu único livro de poesia Os Elementos do Caos originalmente editado nos anos 60. Trabalho poético bastante elogiado pelos mais destacados nomes da crítica especializada potiguar."



## Nosso rádio e o cinema



Cinema Rex - Palco da 1ª apresentação do Trio Irapuru e de vários programas, inclusive do programa "Hora da Alegria", apresentado pelo animador Luiz Cordeiro, que lançou Gilvan Bezerril, do Trio Irakitan, no cenário artístico potiguar.

Em meu livro "Écran Natalense, Capítulos da História do Cinema em Natal" (1992), ao falar sobre a crítica cinematográfica, eu escrevia o seguinte: "Simultaneamente com a imprensa escrita, procurava-se fazer a divulgação via imprensa falada. Na Rádio Poti, que já tivera na década 40 o programa 'Cinema do Ar Lever', os rapazes do Cine-Clube Tirol lançaram na década 60 o programa 'Cine-Arte'. Na Rádio Nordeste, lá pelos idos de 1968, foi lançado o programa 'Imagens do Cinema', apresentado e escrito por Franklin Capistrano, Fernando Pimenta e João Charlier Fernandes."

Na verdade, a Rádio Poti já tivera outros relacionamentos com o cinema. Na época em que era ZYB-5, Rádio Educadora de Natal, tinha o programa diário "No Mundo do Cinema". Pela mesma época, transmitia novela seriada "Aventuras de Tarzan", baseada no personagem dos quadrinhos e do cinema. Pelos idos de 1944, às vezes apresentava programas especiais, apenas uma vez, como por exemplo, no dia 03 de Dezembro de 1944 o programa "Duas Vozes do Cinema"; e no dia 27 de Dezembro de 1944 o programa "A Dupla Preferida do Cinema". No Natal, era hábito



*Em Maio, o Bella Natal é Massa!*

**De Terça à Domingo,  
rodízio de pizza e massa  
pelo valor do rodízio de pizza!**

**Bella Natal**



Shopping Cidade Jardim, L. 63  
Tel.: 217 4704



apresentar os programas com músicas natalinas cantadas por Bing Crosby, que se tornaria famoso também como astro de cinema (principalmente em filmes como "Alta Sociedade", de Charles Walter, onde ele cantou em dueto inesquecível com Grace Kelly).

Ao final dos anos quarenta do século passado, na Rádio Poti se estreitou o relacionamento com o ambiente da Sétima Arte; pois a 21 de Agosto de 1948, a emissora retransmitiu o primeiro programa "Domingo Alegre", que estava sendo apresentado no palco do cinema "São Luiz", no Alecrim. O programa fora criado por Genar Wanderley e José Martins, e depois desta primeira apresentação continuou, sempre com muito sucesso, e forçando outros cinemas da cidade a criarem seus programas de auditório e de variedades (como "A Hora da Alegria", no Rex, apresentado por Luis Cordeiro).

Na década seguinte do século 20, outras emissoras de rádio foram criadas no Rio Grande do Norte, e tiveram seus programas cinematográficos. A Rádio Cabugi, de Natal, fez por oito anos o programa "Cinema do Cinema", que, segundo informa o jornal "A Ribeira", de Novembro de 1995, "foi o primeiro programa com músicas do cinema no nordeste brasileiro." A Rádio Rural, ou Emissora de Educação Rural, começou com o radialista Alderico Leandro um programa (produzido e



Bing Crosby

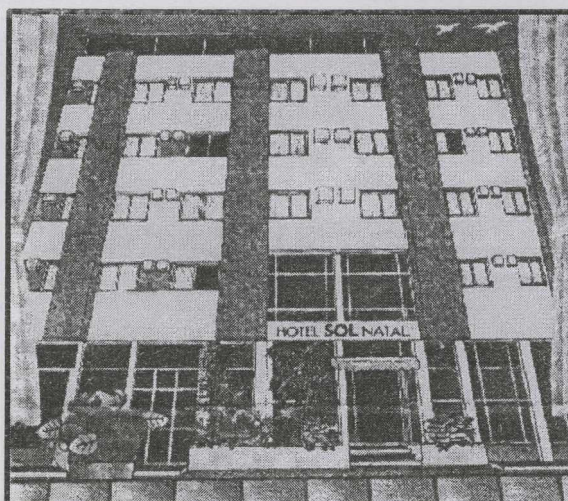
apresentado por ele), com o título "Roteiros de Cinema", e que começou a 01 de Novembro de 1960. Nele, Alderico dava notícias, explicava os truques de câmeras em determinados filmes, transmitia músicas de filmes e respondia muitas cartas de ouvintes, pois o programa era um sucesso total.

Outro tipo de relacionamento entre o nosso rádio e o cinema é um assunto local, que diz respeito também ao nosso cinema, ao cinema feito no Estado. É que no nosso primeiro filme de longa metragem, que foi "Coisas da Vida", uma comédia carnavalesca feita por José Seabra em 1955, foram apresentados na ilustração musical valores vindos do rádio, como o Trio Puraci, e na interpretação da estória a radio-atriz Jacira Costa.

Aliás, algumas das cenas do filme aconteceram no interior da Rádio Nordeste (emissora que, por sinal, serviu de sede à segunda reunião para se definir a mudança do nome de um cine clube que estava sendo criado em Natal, em Março de 1958; tinha inicialmente o nome Cine-Clube de Natal, mas como fora constatada a existência de uma entidade anterior que já se chamava Cine-Clube de Natal, na reunião de 20 de Março de 1958, dentro da Rádio Nordeste, se decidiu que o novo cine clube se chamaria Clube Potiquar de Cinema).

Por fim, é bom lembrar que, em seu livro "Os Cinemas de Currais Novos" (Edições Varadouro, João Pessoa, Pb, 2003), falando sobre Adauto Dias, exibidor de filmes do Cine Lux, de Currais Novos, o escritor Manoel Jaime Xavier Filho informa que o referido Adauto Dias "anunciava, por meio do serviço de som interno, avisos de interesse geral, assim como lia, na qualidade de locutor, notícias colhidas do repórter ESSO, antecedendo as sessões" (era mais uma vez o rádio prestando um serviço ao cinema, pois o Repórter ESO era o famoso noticiário, que começara pelas ondas da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, a 28 de Agosto de 1941, e atingira o auge na voz de Heron Domingues a partir de 1944).

*Anchieta Fernandes*



## HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

DIÁRIA CASAL ..... R\$ 50,00  
DIÁRIA SOLTEIRO ..... R\$ 40,00

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - Pabx: (84) 211-1154  
TLX: (84.2464) - FAX: (84) 221-1157 - Natal-Brasil



## A missão de Fernando Athayde

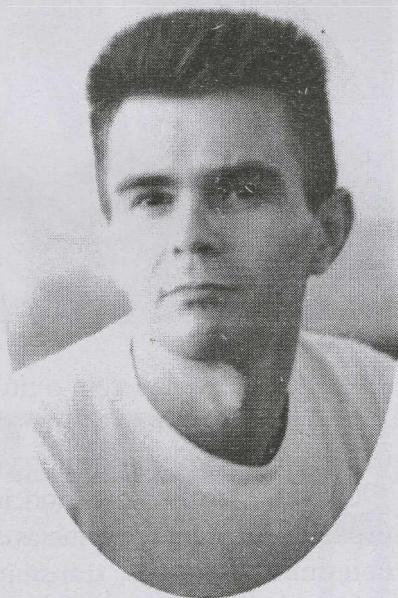
Conhecer a história é o primeiro pressuposto para se entender a sociedade. Hoje, infelizmente as novas gerações não têm acesso à memória dos que imprimiram seu espírito visionário na história da arte nordestino-grandense e no teatro, Fernando Athayde foi o nosso maior prodígio.

Fernando desponta sua carreira teatral mesmo antes de servir o exército com a peça "Simbad, o Marinheiro" de Jobel Costa. No exército destaca-se como esportista (praticava volley ball e natação) e motorista mas, só depois de concluído o serviço militar obrigatório é que conhece o ator e diretor de teatro natalense Jesiel Figueiredo.

Formado no curso de eletrotécnica da extinta ETFRN, Fernando aos domingos deixava a residência de seus pais e subia a ladeira da rua Voluntários da Pátria no Centro para caminhar até a praia dos artistas em especial a ponta do morcego no ateliê do artista plástico e amigo Claudinho, o que lhe rendeu em meados de 1979 encontro com o ator global Raul Cortez que o convida para ir a São Paulo onde, com 19 anos, fixa residência e empreendimentos próprios. Navega entre o eixo São Paulo-Natal/Natal-São Paulo fazendo amigos e acumulando

prêmios como o de melhor ator em 83 com "Ponto de Partida" de Guarnieri e a Missão de Heiner Müller em 89.

Em São Paulo Fernando



Athayde habita a rua Melo Alves no bairro dos Jardins território nobre da cidade do São Paulo em casa no meio de arranha-céus. Próximo a sua residência empreende o restaurante de comidas naturais "Mãe Terra", na rua da Consolação, que a exemplo do ateliê de Claudinho torna-se ponto de encontro de músicos, atores e artistas da paulicéia. Entre os figurantes o amigo Raul Cortez, o estilista Ney Galvão, em começo de carreira o grupo Titãs, o ator Lima Duarte a quem Fernando

negocia outro restaurante de sua propriedade - o sativa.

No cardápio natural do frequentado Mãe Terra não figurava bebidas alcólicas somente sucos da fruta com hortelã, espinafre gratinado e a especialidade da casa: o pão de forma com atum e ginseng que renderia mais tarde arenga com Arnaldo Antunes que reclamou para o jovem garçom que a quantidade de estimulante era insuficiente provocando a repreensão de Fernando:

- Você quer ginseng demais!

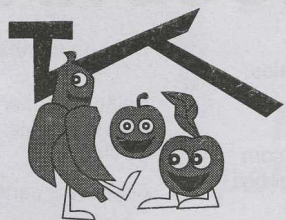
-Normal, estou me evadindo!

Foi a resposta do poeta.

Em 89 Fernando vem para Natal pela última vez para executar um comercial do produto "Chicle de Bolas Adams" onde dirige e atua. Em 93 volta para São Paulo para realizar seu mais ambicioso trabalho artístico, um dueto com a atriz global Cássia Kiss de nome "Pantaleão e as Visitadoras" de Ulisses Cruz, direção de Gerald Thomas. Já em cartaz com a peça, no dia de seu aniversário, sente-se mal e morre aos 36 anos em 16 de agosto de 1993. Com seu falecimento o teatro brasileiro perde um grande talento, a cidade de Natal perde o rebento das gerações do teatro potiguar.

Franklin Serrão

### A Ki - Tanda

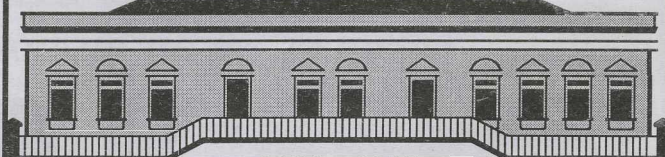


A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

## 103anos

A mais antiga  
Instituição Cultural do Estado

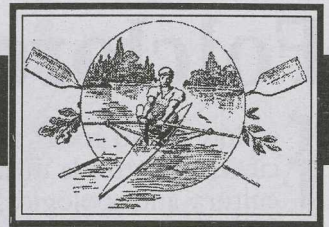


1902 \* 2005

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO  
RIO GRANDE DO NORTE



## DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



### José Gomes da Costa

O desembargador José Gomes da Costa, um magistrado dos mais conceituados e íntegros do nosso Estado, teve a vida toda dedicada à carreira que abraçou e, durante muitos anos de sua longa existência, deu atenção aos esportes, muito especialmente ao clube de seu coração – o América Futebol Clube.

Fundado em 14.07.1915, o América Futebol Clube teve em José Gomes da Costa um ardoroso defensor da sua equipe de futebol, ocupando a posição de ponta direita desde 1920, tendo atuado antes nos quadros de futebol da várzea, com passagem pelo Clube Náutico Capibaribe, do Recife. No Alvirrubro natalense jogou ao lado de Cazuzza, João Ricardo, Aguinaldo Tinoco, Galo, Canela de Ferro, Chiquinho, Alberto Nesi, Arary de Brito, Oscar Homem de Siqueira, Carlos Homem de Siqueira, Mineiro, João Maria Furtado, Petró, Lauro, Barroca e tantos outros.

Mas, não foi só atleta do América, o ponta direita veloz e perigoso para os goleiros, foi também o abnegado, quando adquiriu e fez doação com Orestes Silva, Perouse Pontes e outros tantos denodados americanos, do terreno de todo o quarteirão que viria a ser construída a sua bela sede social, merecendo por isto mesmo o título de Sócio

Benemérito/1955.

Como dirigente do América foi eleito presidente duas vezes (08/04/1929 e reeleito em 10/05/1930), contado com os seguintes diretores no primeiro período: Francisco Lopes de Freitas, Armando da Cunha Pinheiro,



dr. Nunes Pereira, João Maria Furtado, Clóvis Fernandes Barros, Edgard Homem de Siqueira, Rodolpho Barradas, Eliodoro Barros, Pacifico Bezerra de Araújo e Heráclito Fernandes Vilar. No segundo período com José Gama Filho, Júlio Perouse Pontes, Mário de Carvalho Melo, Lauro Correia do Lago, Arary de Brito Guerra, Oscar Wanderley, Aluizio Moura e Vital Barroca.

Na administração de Edgard

Homem de Siqueira foi eleito Presidente de Honra e na administração de João Bezerra de Melo eleito orador, no período de 05.01.1936.

Foi o primeiro Presidente do Tribunal de Justiça Desportiva criado no Rio Grande do Norte, pelo seu denodado amor aos esportes, principalmente por ter sido atleta e dirigente, conhecedor profundo das leis desportivas e de alto senso de integridade.

Torna-se oportuno, até por uma homenagem ao sempre saudoso dr. José Gomes da Costa, recordar os títulos incontestáveis, conquistados pelo glorioso América Futebol Clube nos campeonatos oficiais de futebol da cidade, desde sua fundação – 1919, 1922, 1926, 1927, 1930, 1946, 1948, 1949, 1951, 1952, 1956, 1957, 1967, 1969, 1974, 1975, 1977, o penta de 1979/82, o tri de 1987/89, 1991, 1991, 19992, 1996, 2002 e 2003. Foram 32 títulos incontestáveis, até este ano de 2004, afora dezenas de outros títulos conquistados nos diversos esportes amadores.

José Gomes da Costa nasceu em Taipú a 17.03.1902 e faleceu em Natal a 23.01.1982, aos 80 anos de idade.

*Luiz G. M. Bezerra*



- GALERIA DE ARTE
- Cd's
- LIVROS
- DISCOS
- INSTRUMENTOS MUSICAIS

**SEBO AMORIM**

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN - CEP 59085-120  
Fones: 221.3717 - 9973.9423 - 206.2790

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

**Cata Livros**

DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos,  
Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco  
Rua Voluntários da Pátria, 631 - Centro  
Rual Gal. Osório (Ao Lado do Hotel S. Paulo) - Centro  
Fones: (84) 8805-3928 / 9996-2920 / 9415-9924



# Folclore: um novo entendimento

Folclore como todas as demais ciências dentro da dinâmica da cultura antropológica, inspira mudanças, transformação, ocupa novos espaços, em qualquer sociedade por mais complexa que seja, indiferente ao estágio cultural de seus componentes, à nível de produção, adoção e uso ou ainda de consumo dirigido, requer pesquisa, cuidados, para evitar o uso equivocado com paradigmas estereotipados não condizente com os princípios de uma ciência, tão complexa, tão importante, que de um lado perfila com suas justas aspirações na busca da identidade cultural, do outro lado associa os fatos da história ao processo de afirmação social.

Dentro desta nova visão o folclore não pode, nem deve ficar preso às características básicas pelo qual foi visto durante muito tempo. Ou seja: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. Ainda que cada uma dessas características de forma insofismável não deixe de ser a base de todo o estudo da ciência da folclorística.

A bem da verdade ainda se constitui em novidade para muitos pesquisadores menos avisados, de que existe um fato folclórico, e que este está presente na maneira do pensar, do sentir e do agir de um povo com forte influência no oficial e no erudito, onde o mais requintado homem ou socialite pode fugir dele porque todos nós somos e vivemos um mundo folk em potencial. No Brasil, na França, na Inglaterra, no Japão ou em qualquer parte.

Foi abolida a clássica definição do folclore entendido como complexos de classes subalternas e instrumentais, que se contrapunha às classes oficiais, eruditas, hegemônicas e dominantes. Precisamos apenas é saber que mundo, que vida, que povo, que classes, de que forma e circunstâncias foi povoado o mundo dos brasileiros, para a partir daí entendermos que folclore é tudo, e, possamos eliminar essa visão

brilhando aos olhos dos ambiciosos e ávidos conquistadores.

Um mundo de negros e índios trazidos de suas tabas para serem escravos, deixando terras e tribos com seus deuses e rituais, os negros em situação muito mais adversa, chorando e cantando com saudade da pátria, como anotou o cientista social Bertand Russel. "Eu vou dizer a Deus, todo meu sofrimento, quando eu chegar em casa."

Este é o Brasil, o mundo dos brasileiros, aonde brancos europeus, negros vindos da África e índios autóctones, viveram entre si e deles nasceram e frutificaram esta bela cultura, esta grande nação. O historiador e folclorista João Ribeiro fez uma feliz citação quando definiu como sendo o território brasileiro, o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos. E quem são os mulatos, senão os primeiros descendentes diretos dos colonizadores, nascidos dos ventres disponíveis das negras escravas?

Vejamos então, voltando à questão de um novo entendimento de folclore. Não é mais aceitável aquele tradicionalíssimo conceito da carta de William John Thoms, (1803-1885). Datado de 22 de agosto de 1846, folk (povo), lore (saber), oriundo do antigo inglês falado na Inglaterra, para substituir o que chamavam de antiguidades populares ou literatura popular, até que um dia passassem a ser melhor estudados como ficou explícito na carta.

Severino Vicente



errônea, de vermos e vivenciarmos o folclore apenas pelo lado pitoresco.

Descendemos de um mundo em que índios foram levados para a Europa como prova testemunhal da real descoberta, de terras. Um mundo conquistado e desbravado pela guerra, pelas armas, no domínio dos descobridores, com lavouras e engenhos de cana de açúcar, de exploração da natureza, paus, madeiras, ouro, prata, diamantes,

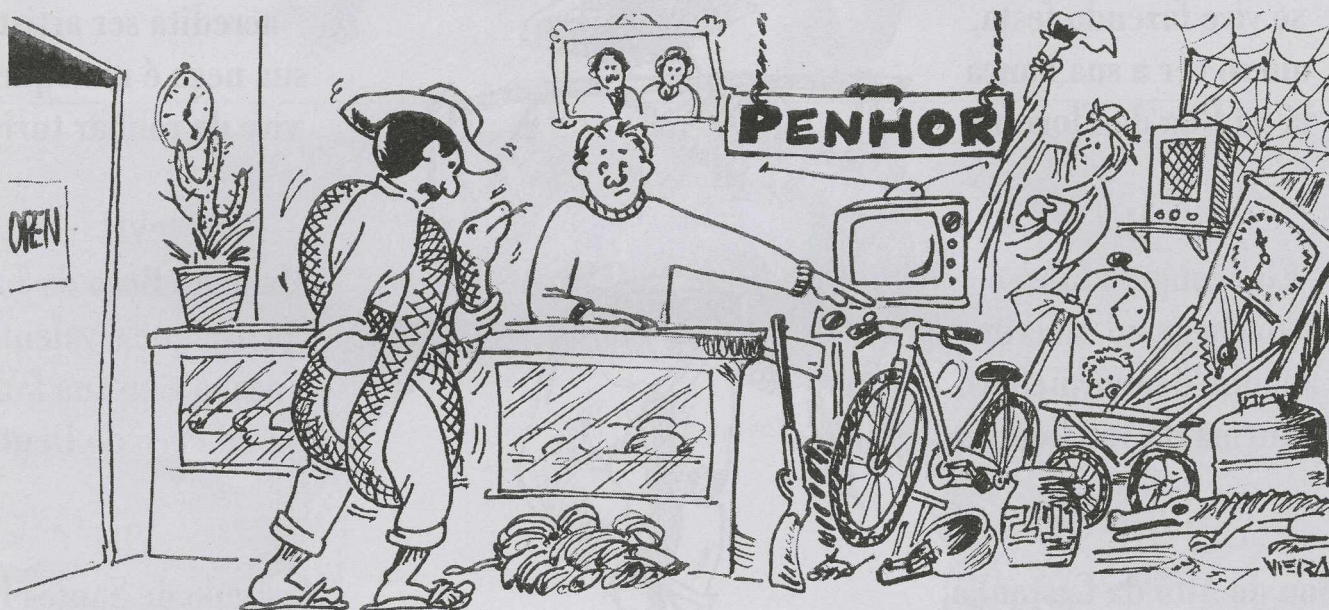
## AGENDA DE EVENTOS - MÊS DE ABRIL/MAIO 2005

DIA	MÊS	HORA	ESPETÁCULO	LOCAL
28	Abril	19:00h	>Corpo de Baile da Escola Municipal de Balé - Prof. Roosevelt Pimenta. >Balé da Cidade de Natal.	Teatro Sandoval Wanderley
29	Abril	19:00h	>Dia Internacional da Dança	Teatro Sandoval Wanderley
29	Abril	19:00h	>Prefeitura nos Bairros - Grupo Araruna - Sr. Cornélio	Centro Perestrelo (Igreja) Mãe Luiza
30	Abril	17:00h	>Apresentação de Chico Daniel	Centro Perestrelo (Igreja) Mãe Luiza
30	Abril	19:00h	> Prefeitura nos Bairros - Congos de Calçola Sr. Correia	Centro Perestrelo (Igreja) Mãe Luiza
02	Maio	18:30h	>Sanfona do Brasil com Zé Calixto	Teatro Sandoval Wanderley
08	Maio	10:30h	> Concerto Popular - Banda Sinfônica de Natal	Parque da Dunas
09	Maio	18:30h	>Performance Plástica (Comemoração dia do Artista Plástico)	Teatro Sandoval Wanderley
11	Maio	11:00	Concerto Educativo - Banda Sinfônica de Natal	Escola Municipal (a definir)
11	Maio	18:30h	>Retratos Sonoros do Pantanal com Tetê Espindola	Teatro Sandoval Wanderley
			<b>ESPETÁCULO</b>	<b>LOCAL</b>
13	Maio	20:00h	>1º Concerto Oficial - Banda Sinfônica de Natal.	Catedral Metropolitana
14	Maio	18:30h	>PROJETO PIXINGUINHA: Elton Medeiros - Galo Preto e Andréia Pinheiro- Geraldo Vargas e Jair do Cavaquinho	Teatro Sandoval Wanderley
19	Maio	19:00h	>Corpo de Baile da Escola Municipal de Balé - Prof. Roosevelt Pimenta >Balé da Cidade de Natal.	Teatro Sandoval Wanderley
21	Maio	16:59h	>Projeto Independente '05 Apresentações de Bandas de Rock	Teatro Sandoval Wanderley
22	Maio	19:00h	> Apresentação dos Grupos: Agregados Família do Rap (RN), Rapper MV BILL (RJ), Hip Hop do Mira Negra (PE) e DJ Eddy	Terraço da Capitania das Artes
27	Maio	20:00h	>Sextas de Viola (cantoria)	Teatro Sandoval Wanderley
30/31	Maio	19:00h	>Seminário de Quadrilha Palestra dos Professores da UFRN João Emanuel Evangelista e Luiz Assunção	Teatro Sandoval Wanderley

**PREFEITURA DO**  
**NATAL**  
 A NOSSA CIDADE  
  
**FUNDAÇÃO CULTURAL**  
**Capitania das Artes**



# Horror ao ócio



**A**nalizando documentos, organizando processos e lhes dando o devido encaminhamento fora o ofício a que se dedicara quase quarenta anos de sua vida. Agora estava cansado e resolvera se aposentar. A bem da verdade, cansado não seria bem o termo apropriado para definir o que sentia Cândido Cordeiro, pois não era homem de amofinar-se ante o trabalho, até porque ainda lhe restavam robustez e ânimo mais que suficientes para continuar na batalha. O correto seria dizer-se que, mesmo possuindo fleugma temperada como boa dose de pachorra, a rotina e as práticas observadas no serviço público teriam entediado o espírito do assíduo e fiel servidor.

Após uma meia dúzia de noites mal dormidas pensando e pesando os fatores envolvidos na decisão, resolveu por fim que chegara o momento certo para a merecida aposentadoria. Tudo nos conformes, a papelada toda em ordem, seu Cândido, que tanto dera encaminhamento aos interesses alheios, cuidava agora dos próprios. Longe, porém, de pensar nessa história de ócio com dignidade. No seu vocabulário ócio era palavra inexistente. Tinha-lhe verdadeira ojeriza. Pediu, portanto, a aposentadoria pronto e preparado, de corpo e alma, para enfrentar outras lutas na constante labuta da vida.

Reunido o conselho de família, decidiu-se iniciar um pequeno comércio, ali mesmo na casa de morada, tentando-se formar freguesia com os moradores da redondeza, tudo gente boa e conhecida, que certamente seria incapaz de maiores contratemplos.

Quase que concomitantemente à abertura do negócio, inaugura-se também uma caderneta para o fiado, que de pequena e pouco volumosa brochura inicialmente, evolui de modo tão rápido, que ao cabo de poucos meses descobriu-se, sem necessidade de qualquer trabalho de auditoria, que a única coisa a progredir na empresa fora a caderneta do fiado. Seu Cândido, aconselhado pela mulher, achou por bem liquidar a empresa antes que o liquidado fosse ele próprio.

Apurado o que restou do empreendimento, o que não era coisa de muita significância, e após matutar acerca do que faria como nova tentativa no fascinante e pouco fácil mundo dos negócios, resolveu-se por algo menos complicado, onde também pudesse se cercar de algumas garantias, como forma de evitar futuras decepções. Decidiu que iria fazer algumas experiências no campo da agiotagem. Para tanto, como meio de formar o capital circulante, desfez-se de um imóvel, fruto de suas economias, juntando o resultado aos salvados do empreendimento anterior. Assim lastreado, sentiu-se apto para enfrentar o próximo.

Desnecessário dizer do pouco tempo demandado para a formação de uma significativa e afluyente clientela. Também pudera, como produto tão atraente sendo oferecido! Entretanto, dessa feita a coisa seria diferente. Como bem diz o dito popular "gato escaldado tem medo de água fria". O velho Cândido, antes de sentir-se propriamente "escaldado", dizia-se "escaldado" com a experiência anteriormente

adquirida, razão pela qual exigia suas garantias antes de emprestar qualquer que fosse a soma e para qualquer que fosse o candidato a empréstimo. Teria este, necessariamente, que entregar-lhe algum objeto como penhor.

Com pouco tempo de iniciada a nova atividade, o homem percebeu que a coisa, literalmente, crescia a olhos vistos, pois sentiu a necessidade de disponibilizar um dos cômodos da casa para servir de depósito a uma grande e variada quantidade de objetos, desde relógios velhos e jóias de autenticidade duvidosa, até utensílios domésticos, passando por bicicletas, armamentos e muitas outras coisas mais.

De início a coisa até que prometeu, pois muitos compareciam, senão para saldar toda a dívida, ao menos para pagamento dos juros acertados. Contudo, antes de se comemorar o primeiro aniversário do empreendimento, o pobre homem, melancolicamente, constatou que todo seu capital se transformara num amontoado de quinquilharias e os tomadores de empréstimo viviam agora a evitar-lhe o contacto, escondendo-se e cortando caminho. E o pior: granjeara inclusive algumas inimizades.

Cândido Cordeiro, após alguns dias de elocubrações contemplando fleumaticamente seu depósito de coisas velhas, equacionou finalmente o seu problema. Doravante montaria um antiquário, como forma de driblar o ócio, seu único temor na vida.



# A pinimba de canguleiros e xarias

Graco Legião

I

Xaria nunca se manca,  
só vive fazendo festa,  
quero ver a sua banca  
lá na Rua da Floresta.

II

Eita cangulo fuleiro,  
não chega no Alecrim,  
apanha de marmeleiro  
da turma da Vaz Gondim.

III

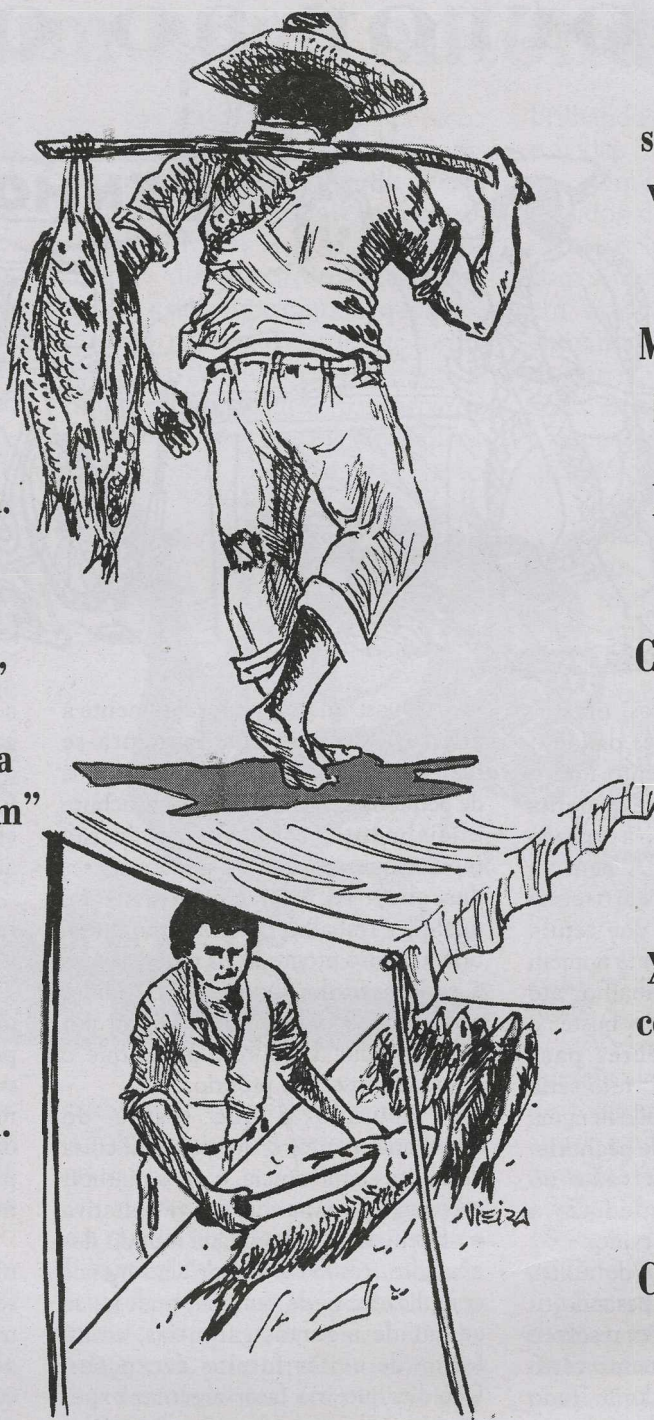
Sou do Alto da Castanha,  
me criei no Maruim,  
eu não abro pra meganha  
quanto mais pra "Mauricim"

IV

Você não sobe a ladeira,  
fedorento a pituim,  
o povo da Salgadeira  
não gosta de cabra-ruim.

V

No cais Tavares de Lira,  
Xaria não pega lancha,  
de tanto dizer mentira  
cresceu a bunda e a pança.



VI

O cangulo da Ribeira  
acredita ser artista,  
sua nega é maloqueira,  
vive de roubar turista.

VII

Mané do Beco da Lama  
pensa que é valentão,  
acabo com sua fama  
lá no Poço do Dentão.

VIII

Cangulo de Santos Reis,  
a troco de mixaria,  
só vive na Jordanês  
traficando porcaria.

IX

Xaria deixe a frescura,  
conheço seu ganha-pão,  
só vive de sinecura,  
puxa-saco de patrão.

X

Cangulo cabra-de-peia,  
lava convés de navio,  
era chave de cadeia  
no outro lado do rio!



GOVERNO DE TODOS

Trabalhando pra valer



FUNDAÇÃO  
JOSÉ AUGUSTO



Prosseguindo na sua política de descentralizar e democratizar o acesso à cultura, o Governo do Estado, através da Fundação José Augusto, inaugura no próximo mês (abril) mais duas Casas de Cultura Popular no interior do Estado: a de Lajes, com previsão de conclusão no dia 15 de abril, e a de Apodi, que será inaugurada no dia 30.

Com mais essas duas, sobe para treze o número de Casas de Cultura instaladas nos municípios potiguares. Já contam com esses equipamentos culturais as cidades de Martins, Currais Novos, Parelhas, Campo Grande, Assu, Caicó, Nova Cruz, Macau, Santa Cruz, Umarizal e Viçosa. Para criar essas onze Casas de Cultura o Governo do Estado investiu R\$ 2 milhões 289 mil, em recursos próprios.